



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A RELAÇÃO ENTRE OS
ESTADOS EMOCIONAIS DAS
MÃES E A REGULAÇÃO
EMOCIONAL DAS CRIANÇAS
NA FASE FINAL DO PRIMEIRO
CONFINAMENTO POR COVID-
19 E NO REGRESSO À NOVA
NORMALIDADE

MARIANA TAVARES BÁRTOLO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARYSE GUEDES

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maryse Guedes apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Mestre em Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Maryse Guedes, pela sua ajuda, orientação, disponibilidade e apoio, por me ter motivado muitas vezes quase sem se aperceber, porque sem ela teria sido muito mais difícil.

À Professora Doutora Manuela Veríssimo, também pela sua orientação, por se ter colocado muitas vezes do “nosso lado” e nos ter ouvido, incentivado e ajudado desde o início.

Às famílias que aceitaram participar no projeto “Risco e resiliência durante a pandemia de COVID-19”, de forma a podermos desenvolver esta investigação.

Aos meus pais, por me permitirem não só a realização deste curso como de tudo o resto, por serem os melhores do mundo, pelo apoio, por todos os valores que me passaram mas principalmente por me ensinarem que “a sorte dá muito trabalho”.

À minha irmã, por ser o meu pilar na vida.

Aos meus avós, pelo amor e carinho incondicional. Ao meu avô Fernando, que eu gostava muito que cá estivesse a ver-me concluir o meu curso, a ver-me dar os primeiros passos a nível profissional, de quem eu tenho muitas saudades.

Ao Francisco, pelo amor e companheirismo, pela paciência e por me ter ensinado tanto ao longo destes anos.

À Carminho, à Clarinha, ao Duarte, ao João e à Sofia por serem os meus amores mais pequeninos que eu adoro.

Aos meus colegas e amigos do ISPA e da UAL, que foram os meus companheiros de curso e que eu quero que sejam meus companheiros para a vida, sem vocês não teria sido tão bom.

À minha família e amigos aqui não mencionados, mas que fazem parte da minha vida e que estão sempre no meu coração.

A todos, muito obrigada!

Resumo

A regulação emocional é uma competência crucial que é desenvolvida nos primeiros anos de vida, sofrendo uma grande influência do contexto familiar em que a criança está inserida. A investigação evidenciou associações bidirecionais entre a regulação emocional da criança e as dificuldades emocionais maternas. Este estudo tem como objetivo examinar as associações entre as dificuldades emocionais das mães e a labilidade emocional das crianças na fase final do primeiro confinamento por covid-19 (com levantamento gradual das medidas) e na fase de desconfinamento mais generalizado (com a reabertura dos estabelecimentos de ensino pré-escolar). A amostra foi composta por 169 mães de crianças com média de 65 meses que preencheram um Questionário de dados sociodemográficos, o *Coronavirus Health and Impact Survey (CRISIS) – Adult Report* e o *Emotional Regulation Checklist*. Na fase final do confinamento, as mães relataram níveis significativamente mais elevados de labilidade emocional nos rapazes do que nas raparigas e descreveram maior agitação quando as crianças tinham 5-7 anos do que quando estas tinham 3-4 anos. Foram observadas associações positivas entre a labilidade emocional da criança e os estados emocionais negativos das mães em ambos os momentos de avaliação, mas estas foram de maior magnitude na fase de desconfinamento mais generalizado.

Palavras-chave: Regulação emocional; Estados emocionais maternos; COVID-19; confinamento; desconfinamento; Crianças pré-escolares

Abstract

Emotional regulation is a crucial skill that is developed during the first years of life, being strongly influenced by child's family context. Research has shown bidirectional associations between child's emotion-regulation and maternal emotional difficulties. The aim of this study was to examine the associations between mothers' emotional difficulties and children's emotional lability during the final phase of the first covid-19's lockdown (with gradual removal of restrictive measures) and during the more generalized reopening phase (with the reopening of preschool facilities). The sample consisted of 169 mothers of children with an average age of 65 months, who completed a sociodemographic questionnaire, the *Coronavirus Health and Impact Survey (CRISIS) – Adult Report* and the *Emotional Regulation Checklist*. During the final phase of the lockdown, mothers reported significantly higher levels of emotional lability in boys than in girls and described higher levels of restlessness when children were aged 5-7 years than when they were aged 3-4 years. Positive associations between child's emotional lability and maternal negative emotional states were observed in both assessment times, but the magnitude of the associations was higher during more generalized reopening phase.

Keywords: Emotional regulation, maternal emotional states, COVID-19, lockdown, reopening phase, preschool children

Índice

Introdução.....	9
Revisão de Literatura	11
1. As Emoções e a Regulação Emocional	11
2. Desenvolvimento das competências de regulação emocional	13
3. Dificuldades emocionais dos pais e regulação emocional na criança.....	15
4. Dificuldades emocionais dos pais e regulação emocional da criança durante o confinamento imposto pela pandemia de COVID-19.....	16
Metodologia.....	19
Participantes	19
Procedimento.....	20
Instrumentos	21
Análise de dados.....	24
Resultados	24
Percepção das mães acerca da labilidade/negatividade da criança no primeiro momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança.....	24
Percepções das mães acerca do seu estado emocional no primeiro momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança.....	25
Associações entre as percepções maternas acerca da labilidade da criança e acerca do seu estado emocional no primeiro momento de avaliação	25
Percepções das mães acerca da labilidade da criança no segundo momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança.....	27
Percepções das mães acerca dos seus estados emocionais no segundo momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança.....	28
Associações entre as percepções maternas acerca da labilidade emocional da criança e dos seus estados emocionais no segundo momento de avaliação.....	29
Discussão	30
Limitações	34

Implicações para a investigação futura.....	34
Considerações finais.....	35
Referências bibliográficas	36
Anexos	40

Lista de Tabelas:

Tabela 1: Características Sociodemográficas das Participantes em Cada Momento de Avaliação

Tabela 2: Percepção das Mães acerca da Labilidade/Negatividade da Criança no Primeiro Momento de Avaliação em Função do Sexo da Criança e da Faixa Etária da Criança

Tabela 3: Percepções das Mães acerca dos seus Estados Emocionais no Primeiro Momento de Avaliação, em função do Sexo e da Faixa Etária da Criança

Tabela 4: Correlações Parciais entre as Percepções das Mães acerca da Labilidade da Criança e acerca dos seus Estados Emocionais, controlando o Sexo e a Faixa Etária da Criança

Lista de Figuras:

Figura 1: Modelo processual da regulação emocional de Gross

Lista de Anexos:

Anexo A - Termo de Consentimento Informado

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive”.*
(Pessoa, 1933)

Introdução

De acordo com a World Health Organization (WHO, 2020a), a COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, tendo sido identificados os primeiros casos em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Face ao rápido crescimento do número de casos em vários países do mundo, a crise causada pelo novo coronavírus foi declarada emergência de saúde pública de âmbito internacional em 30 de janeiro de 2020 e reconhecida como uma pandemia em 11 de março de 2020 (WHO, 2020b). Portugal registou o primeiro caso confirmado de COVID-19 a 2 de março de 2020. O Governo português adotou medidas de contenção e mitigação do novo coronavírus a 12 de março de 2020 (Decreto-Lei nº10A/2020 de 13 de março) que foram gradualmente levantadas ao longo dos meses de maio e junho de 2020 (Decreto- Lei nº20/2020 de 1 de maio).

No período de vigência das medidas de contenção e mitigação do novo coronavírus, as condições de vida das famílias sofreram mudanças profundas e inesperadas, especialmente durante o confinamento imposto pela pandemia de covid-19 (Spinelli, Lionetti, Pastore et al., 2020). Especificamente, as crianças e os seus pais ficaram privados de atividades educativas, profissionais e de lazer, mas também de contactos familiares e sociais (Morelli et al., 2020). Estas restrições podem ser emocionalmente exigentes para as crianças, especialmente para as crianças mais novas (Domínguez- Álvarez et al., 2020). Assim, é essencial conhecer os fatores que, consoante a sua natureza, podem atuar como fatores de proteção ou de risco para dificuldades de ajustamento socioemocional perante este tipo de acontecimentos indutores de *stress* (Domínguez-Álvarez et al., 2020). Entre eles, encontram-se as competências de regulação emocional das crianças.

Sabe-se que os pais influenciam de forma significativa a capacidade de regulação emocional das crianças. Desta forma, este estudo tem como objetivo avaliar a relação entre as dificuldades emocionais das mães e a labilidade emocional das crianças em dois momentos distintos da crise pandémica: a fase final de confinamento, com levantamento gradual das medidas; e a fase de desconfinamento mais generalizado, com a reabertura dos estabelecimentos de ensino pré-escolar. A primeira parte deste trabalho apresenta uma revisão de literatura acerca dos conceitos de emoção e regulação emocional, do modelo de regulação emocional de Gross (1999), da própria etiologia da regulação emocional, da relação entre as perceções de dificuldades emocionais experienciadas pelos pais e de regulação emocional das crianças. São ainda descritos alguns estudos empíricos relativos à relação entre as perceções de dificuldades emocionais experienciadas por parte dos pais e de regulação emocional da criança durante o confinamento imposto pela pandemia. A segunda parte diz respeito ao estudo empírico, onde

são apresentados os principais objetivos desta investigação, a metodologia utilizada, a análise e a discussão dos resultados obtidos da mesma, reconhecendo as forças e limitações do estudo. Encerra-se com algumas sugestões para a investigação e para a prática clínica.

Revisão de Literatura

1. As Emoções e a Regulação Emocional

As emoções correspondem a um conjunto de respostas químicas e neuronais que ajudam o organismo na sua própria sobrevivência. Estas acontecem quando o organismo processa ou recorda no pensamento determinados objetos ou situações. Dividem-se em emoções primárias – a alegria, a tristeza, o medo, a surpresa e a raiva – e emoções secundárias – a vergonha, o ciúme, a culpa e o orgulho (Damásio, 2013). As emoções permitem-nos avaliar as nossas experiências, preparando-nos para agir em determinadas situações (Cole et al., 2004). Surgem, assim, para ajudar na tomada de decisões, nas respostas comportamentais, facilitando as interações sociais. Quando a sua intensidade e/ou duração são excessivas, a função adaptativa das emoções encontra-se comprometida. Quando isto acontece, o ser humano pode e deve regular as suas emoções (Gross, 2014). Neste contexto, as competências de regulação emocional têm sido merecedoras de particular atenção na investigação conduzida nas últimas décadas (Bariola et al., 2011).

A regulação emocional é um conceito ambíguo, na medida em que se pode referir, quer à emoção reguladora (i.e., mudanças que resultam da emoção ativada), quer à emoção regulada (i.e., mudanças na emoção ativada). Não obstante a ambiguidade e as múltiplas definições do conceito (Gross, 1999), a regulação emocional tem sido comumente definida como “os processos extrínsecos e intrínsecos responsáveis por monitorizar, avaliar e modificar reações emocionais, especialmente os seus aspetos temporais e a sua intensidade, com a finalidade de atingir determinado objetivo” (Thompson, 1994, p. 27-28). Os processos de regulação emocional podem ser automáticos ou controlados e não se dirigem apenas às emoções negativas (medo, raiva, tristeza, vergonha, culpa, aversão) mas também às emoções positivas (alegria, felicidade, orgulho, interesse; Gross, 2014). Por conseguinte, estes processos não podem ser definidos pelo tipo de emoções ativadas, mas sim, pelas mudanças associadas às emoções ativadas (Cole et al., 2004). Envolvem, assim, a redução, aumento ou preservação da duração ou intensidade da ativação emocional (Gross, 2014; Thompson, 1994).

Gross (2014) identifica três características principais da regulação emocional. A primeira diz respeito à ativação de uma meta para alterar o processo gerador de emoções, sendo que esta meta pode ser ativada na própria pessoa (regulação emocional intrínseca) ou noutra pessoa (regulação emocional extrínseca). A segunda característica refere-se ao envolvimento dos processos que são responsáveis pela alteração do percurso da emoção. O autor esclarece que a atividade reguladora da emoção pode ser consciente (i.e. quando numa determinada situação a pessoa

tenta parecer calma) ou inconsciente (i.e. quando se esconde o que se sente por uma pessoa pelo medo da rejeição). Por fim, a terceira característica da regulação emocional é o seu impacto na dinâmica emocional, nomeadamente na latência, tempo de aumento, magnitude, duração e no deslocamento das respostas emocionais, que podem aumentar ou diminuir consoante os objetivos da pessoa.

O modelo processual de regulação emocional proposto por Gross (1998), baseado no modelo modal da emoção, recebeu particular atenção na investigação sobre a regulação emocional. De acordo com este modelo, a regulação emocional pode ser descrita como um conjunto de estratégias: (1) focadas nos antecedentes, ou seja, que são mobilizadas antes da ocorrência da reação emocional; e (2) focadas nas respostas, isto é, que são mobilizadas após as reações emocionais terem emergido. As estratégias de regulação emocional não podem ser consideradas (mal)adaptativas por si, mas devem ser avaliadas consoante os objetivos que os indivíduos possam ter (Thompson & Meyer, 2014; Melo, 2005) e o contexto, podendo ocorrer a nível fisiológico, cognitivo, social e comportamental (Gross, 1999).

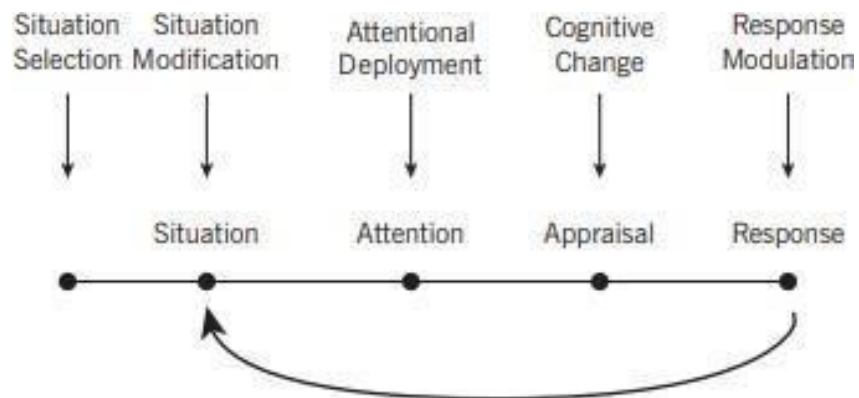


Figura 1. Modelo processual da regulação emocional de Gross

Fonte: Gross, J. J. (Ed.). (2014). *Handbook of emotion regulation*. (2ª ed.). New York: Guilford Press.

A Figura 1 mostra-nos que, nas estratégias de regulação emocional focadas nos antecedentes, se incluem: (a) a seleção da situação, através da qual os indivíduos optam por implementar determinadas ações que os colocam numa situação que antecipam que dará origem a determinadas emoções (desejáveis ou indesejáveis); (b) a mudança da situação, em que os indivíduos procedem à alteração direta da situação de modo a modificar o impacto emocional que lhe está associado; (c) a modificação do foco de atenção, através da qual os indivíduos, desde que nascem, selecionam os aspetos da situação que pretende focar quando não lhe é possível modificá-la; a (d) a mudança cognitiva, através da qual os indivíduos alteram a forma como avaliam a situação para modificar o seu significado emocional. Um dos exemplos da mudança cognitiva é a reavaliação cognitiva, através da qual se procede a uma diminuição ou a um aumento de emoções ou positivas. De acordo com o modelo processual da regulação emocional, o indivíduo pode, num segundo momento, envolver-se em estratégias de regulação emocional focadas na resposta, através da modulação da resposta, sendo que esta pressupõe a modificação direta da dimensão fisiológica, experiencial e comportamental da emoção experienciada. Um dos exemplos da modulação de resposta diz respeito à supressão expressiva, isto é, a pessoa tenta inibir o comportamento expressivo de emoções positivas ou negativas quando está emocionalmente ativada (Gross, 2014).

2. Desenvolvimento das competências de regulação emocional

O desenvolvimento das competências de regulação emocional é um aspeto crucial do desenvolvimento humano (Saarni, 1999). São vários os mecanismos intrínsecos que influenciam o desenvolvimento das competências necessárias à regulação eficaz das emoções, incluindo influências neurológicas, genéticas e temperamentais (Bariola et al., 2011). De facto, os componentes neurofisiológicos que se desenvolvem durante o primeiro ano de vida servem de base à aquisição de formas mais complexas de gestão das emoções nos anos posteriores (Thompson, 1994). Os processos biológicos de maturação ajudam as crianças a aprender a controlar progressivamente a sua própria labilidade emocional (Clark, et al., 2008). A maturação e o próprio processo de socialização das emoções adquiridos na idade pré-escolar, não só favorecem o aumento da regulação emocional nas crianças, como influenciam o crescimento emocional, a ligação sentimento-pensamento e outros fatores da relação emoção-cognição. Estes processos contribuem para um crescimento significativo do conhecimento emocional, modelação da expressão emocional e utilização construtiva da motivação emocional. Já entre os seis e os 12 anos, há um aumento do número e da diversidade de conexões emocionais e cognitivas que interferem no desenvolvimento do autoconceito e da perceção de

competência social. Ocorrem também outras mudanças nos sistemas emocionais e comportamentais das crianças nesta idade (Izard et al., 2002).

As crianças nascem apenas equipadas com um repertório de competências básicas e dependem de influências externas para aprenderem a regular as suas emoções (Thompson, 1994; Thompson & Meyer, 2014). Assim, o contexto social molda de modo significativo a forma como as crianças aprendem a regular as suas próprias emoções, nomeadamente as influências mais distais, como a cultura, e as interações com os parceiros sociais, tais como pais, professores e pares (Thompson, 1994). Por conseguinte, o papel dos fatores de socialização parental com as emoções no desenvolvimento das competências de regulação emocional das crianças tem merecido particular ênfase na literatura, nomeadamente a responsividade dos pais face às manifestações emocionais das crianças, os estilos parentais, a regulação e a expressão emocional dos pais (Bariola et al., 2011).

A socialização parental com as emoções continua a desempenhar um papel importante no desenvolvimento das competências de regulação emocional das crianças no período pré-escolar e nos primeiros anos da escola primária. O modelo de Morris et al. (2007) explica que os pais influenciam a regulação emocional da criança através de diferentes mecanismos: (1) o modelamento, referenciação social ou contágio emocional através da observação por parte da criança da forma como os pais regulam as suas emoções; (2) as práticas parentais relacionadas com as emoções, nomeadamente o *coaching* emocional e as reações dos pais às emoções da criança; e (3) o clima emocional da família, designadamente os estilos parentais (e.g., calor, hostilidade), a expressividade emocional no contexto da família e as relações entre os membros da família. Este modelo reconhece que a regulação emocional da criança e as influências familiares são processos bidirecionais, de tal forma que crianças e pais se influenciam mutuamente ao longo do desenvolvimento.

De acordo com o modelo de Morris et al. (2007), a regulação emocional da criança e a socialização parental com as emoções são moldadas pelas características individuais das crianças, tais como o sexo e a idade da criança. Apesar da falta de consenso na investigação, a maior parte dos estudos refere que as raparigas expressam mais emoções positivas e negativas internalizantes (e.g., ansiedade, tristeza) e menos emoções negativas externalizantes (e.g., raiva) do que os rapazes (Chaplin & Aldao, 2013; Sanchis-Sanchis et al., 2020). No que se refere às estratégias de regulação emocional específicas, as raparigas tendem a recorrer simultaneamente a mais estratégias adaptativas (e.g., reavaliação e *coping* activo) e desadaptativas (e.g., ruminação e supressão) por comparação com os rapazes (Chaplin & Aldao, 2013; Sanchis-Sanchis et al., 2020). Numa amostra de crianças em idade pré-escolar, Sala et al. (2014)

evidenciaram que os rapazes recorriam mais a estratégias comportamentais (e.g., envolvimento em ações para lidar com as emoções) e menos a estratégias de procura de suporte social por comparação com as raparigas. No que se refere à idade, os estudos mostram que as crianças mais velhas tendem a apresentar níveis mais elevados de regulação emocional do que as crianças mais novas (Morris et al., 2007), sendo que as crianças de 5-6 anos recorrem mais frequentemente a estratégias de reavaliação cognitiva por comparação com as crianças de 3-4 anos (Sala et al., 2014).

As características individuais dos pais também moldam a regulação emocional da criança e a socialização parental com as emoções (Morris et al., 2007). Especificamente, é importante considerar as crenças que estes têm acerca das emoções e da sua expressividade (e.g., natureza da emoção e o seu valor, tipos de emoção que devem ser expressas; Meyer et al., 2014; Thompson & Meyer, 2014), mas também as suas dificuldades emocionais (Morris et al., 2007).

3. Dificuldades emocionais dos pais e regulação emocional na criança

A investigação tem essencialmente incidido sobre o estudo das associações entre os estados de humor negativos maternos e a regulação emocional da criança e tem sido relativamente consensual nos seus resultados, apesar da heterogeneidade de amostras e métodos utilizados. Por exemplo, Hoffman et al. (2006) mostraram que os relatos maternos de humor deprimido se associam positivamente com a desregulação emocional observada numa avaliação laboratorial, numa amostra de risco composta por 208 mães de crianças de quatro anos. Silk et al. (2006) também observaram em laboratório as estratégias de regulação emocional, numa amostra mista composta por 88 mães com e sem diagnóstico de depressão de crianças de 4 anos. Estes investigadores observaram que as crianças (especialmente as meninas) cujas mães apresentam um diagnóstico de depressão apresentam um estilo de regulação emocional mais passivo do que as crianças cujas mães não têm historial de depressão. Associações semelhantes entre os relatos maternos de humor hostil/deprimido e a desregulação emocional observada em laboratório foram identificadas numa amostra comunitária de 267 mães de crianças de cinco anos (Dagne & Snider, 2011). Mais recentemente, estes resultados foram replicados por Crespo et al. (2017) numa amostra comunitária de 454 mães de crianças com idades compreendidas entre os três e os sete anos, com recurso a medidas de relato materno (*Emotion Regulation Checklist*, ERC) da regulação emocional da criança. O estudo de Oattes et al. (2018), conduzido com 93 pais/mães de rapazes (em média, de 43 meses) e raparigas (em média, de 39 meses) provenientes de uma amostra comunitária também evidenciou associações positivas entre os relatos maternos de sintomas psicopatológicos (somatização, ansiedade, depressão,

sensibilidade interpessoal, hostilidade) e de labilidade/negatividade na criança (avaliados através da ERC).

Vários fatores podem explicar as associações entre as dificuldades emocionais dos pais e a regulação emocional da criança (Suveg et al., 2011). Em primeiro lugar, a investigação (e.g., Crespo et al., 2017) evidenciou associações entre os relatos maternos de humor deprimido e de dificuldades maternas ao nível da regulação emocional e da consciência emocional. Por outro lado, as mães que percecionam níveis mais elevados de sintomas psicopatológicos desencorajam a discussão das emoções no contexto familiar por comparação com as mães que percecionam níveis mais baixos de sintomas psicopatológicos (Suveg et al., 2005). Por último, o humor negativo dos pais pode ter um impacto negativo no clima emocional da família (Suveg et al., 2011). Segundo Bariola et al. (2011), o clima emocional na família influencia a capacidade de regulação emocional das crianças, podendo esta ser mais fácil ou mais difícil de acordo com as exigências do seu próprio contexto familiar. Especificamente, quando as crianças lidam com a expressão de emoções negativas intensas e frequentes neste contexto, a sua capacidade de regulação emocional é dificultada; por oposição, quando as crianças lidam com emoções positivas de forma moderada ou frequente entre os membros da família, a sua capacidade de regulação emocional é facilitada (Bariola et al., 2011).

4. Dificuldades emocionais dos pais e regulação emocional da criança durante o confinamento imposto pela pandemia de COVID-19

Para além destas influências proximais, Morris et al. (2007) reconheceram a importância de examinar os fatores *stressores* do contexto mais vasto onde a família se insere, na medida em que estes podem afetar o bem-estar emocional dos pais, a capacidade dos pais socializarem a criança com as emoções e a regulação emocional da criança. A pandemia de covid-19 pode ser entendida como um *stressor* contextual global que expôs as famílias a uma acumulação de fatores indutores de *stress* que não se limitam aos riscos para a saúde, mas envolvem também exigências familiares, profissionais e económicas que perturbaram o dia-a-dia e as rotinas de forma abrupta e inesperada (Prime et al., 2020; Romero et al., 2020). Durante o período de confinamento imposto pela pandemia, alguns pais continuaram a trabalhar fora de casa, expondo-se ao risco de contágio, enquanto outros trabalharam em casa, conciliando compromissos profissionais com a prestação de cuidados e o ensino à distância, sem apoio extrafamiliar (Romero et al., 2020; Spinelli, Lionetti, Pastore et al., 2020). Outras famílias sofreram um impacto económico significativo, com a perda de emprego ou a quebra dos rendimentos (Romero et al., 2020).

Com base num modelo derivado dos contributos das teorias bioecológica e de *stress* familiar, Prime et al. (2020) propõem que os múltiplos *stressores* impostos pela pandemia de COVID-19 (e.g., perda de emprego, insegurança financeira, distanciamento social e confinamento) aumentam a probabilidade dos pais experienciarem níveis acrescidos de *stress* psicológico que, por sua vez, podem ter impacto na qualidade das relações familiares (relações conjugais, relações pais-criança, relações entre irmãos) ao longo do tempo. As restrições impostas no contacto das crianças com outros adultos (i.e., avós e professores) tornaram os pais as principais fontes de apoio à regulação emocional das crianças durante o período de confinamento (Liu et al., 2020) o que, dependendo das dificuldades emocionais experienciadas pelos cuidadores e da sua consequente capacidade de socializar a criança com as emoções, pode concorrer para resultados desenvolvimentais (mal)adaptativos (Morris et al., 2007). O modelo de Prime et al. (2020) reconhece que as influências entre pais e crianças não são unidireccionais, mas recíprocas, e que a sua compreensão é essencial para melhor compreender o impacto da pandemia de COVID- 19 nas famílias.

Neste contexto, estudos empíricos conduzidos em Itália durante o primeiro período de confinamento imposto pela pandemia de covid-19 procuraram examinar as associações entre as dificuldades emocionais dos pais e a regulação emocional da criança. Spinelli, Lionetti, Setti et al. (2020) evidenciaram associações positivas entre os relatos parentais de dificuldades durante o período de confinamento (avaliadas com base numa medida de 13 itens, construída para o efeito pelos autores; e.g., ter tempo para si, o/a cônjuge e as crianças, conciliar trabalho família, ter atividades de lazer, etc.) e de labilidade emocional na criança (avaliada através da *ERC*), numa amostra de 810 pais de crianças com idades compreendidas entre os três e os 14 anos. Por oposição, estes investigadores observaram associações negativas entre os relatos parentais de dificuldades durante o período de confinamento e de regulação emocional na criança. No mesmo sentido, Morelli et al. (2020) examinaram as associações entre as percepções parentais acerca do *stress* emocional experienciado durante o período de confinamento (avaliada através da *Perceived Stress Scale*) e da regulação emocional da criança (avaliada através da *ERC*), numa amostra de pais de crianças com idades compreendidas entre os seis e os 13 anos. Este estudo evidenciou associações positivas entre as percepções parentais de *stress* emocional e de labilidade emocional na criança. Associações negativas entre as percepções parentais de *stress* emocional e de regulação emocional da criança foram observadas. Morelli et al. (2020) não observaram que as percepções parentais de *stress* emocional e de regulação emocional da criança se associam significativamente com o sexo e a idade da criança.

Do nosso conhecimento, as associações entre as percepções dos pais acerca das

dificuldades emocionais e os relatos parentais acerca da regulação emocional das crianças portuguesas em idade pré-escolar e nos primeiros anos da escolaridade primária continuam por esclarecer. Desta forma, este estudo tem como objetivos: (1) comparar as percepções maternas acerca da labilidade emocional da criança e das suas dificuldades emocionais, em função do sexo e da faixa etária da criança em dois momentos distintos da crise pandémica: num momento de confinamento em que foram, contudo, levantadas algumas das medidas restritivas; e num momento de desconfinamento mais generalizado que coincidiu com a reabertura dos estabelecimentos de ensino pré-escolar; e (2) analisar a relação entre as percepções dos pais acerca dos seus estados emocionais e a labilidade emocional das crianças em ambos os momentos. Hipotetizamos que as mães de rapazes e crianças mais novas percecionarão níveis mais elevados de labilidade emocional por comparação com as mães de raparigas e crianças mais velhas (H1). Face à escassez de estudos empíricos conduzidos durante a crise pandémica (Morelli et al., 2020), não estabelecemos hipóteses relativamente à existência de diferenças nas percepções das mães acerca das suas dificuldades emocionais em função do sexo e da idade da criança. Com base nos estudos empíricos conduzidos antes e durante a crise pandémica, hipotetizamos que as percepções maternas de níveis mais intensos de estados emocionais negativos se associarão a percepções de maior labilidade emocional nas crianças (H2).

Metodologia

Participantes

A amostra incluiu 169 mães de crianças, com idades compreendidas entre os três anos e seis meses e os sete anos que preencheram os questionários no primeiro momento de avaliação. Todas as crianças frequentavam o jardim de infância ou escola antes do confinamento decorrente da pandemia covid-19. Constituíram-se como critérios de exclusão a existência de um diagnóstico conhecido de perturbação do espectro do autismo ou de mutismo seletivo.

As mães tinham, em média, 37 anos ($DP = 4.82$) e as suas idades variavam entre os 21 e os 48 anos. A maioria era casada ($n = 103, 61\%$), com o ensino superior ($n = 131, 78\%$) e tinha um trabalho remunerado ($n = 121, 72\%$). Destas, 50% ($n = 85$) encontrava-se a exercer as suas funções profissionais em regime de teletrabalho. As crianças tinham, em média, 65 meses ($DP = 15, 135$) e as suas idades variavam entre os 39 e os 95 meses. 56% ($n = 95$) era do sexo masculino e 43% ($n = 72$) era do sexo feminino. A maioria das crianças ($n = 107, 63\%$) tinha irmãos(ãs). A maioria das mães declarou que o estabelecimento de ensino da criança se encontrava encerrado ($n = 160, 95\%$), sendo que 73% ($n = 123$) das crianças se encontravam a ter atividades letivas online. No mês anterior à recolha de dados, a maioria das crianças não esteve exposta a pessoas infetadas por COVID-19 ($n = 165, 98\%$). Não existiram suspeitas de infeção em nenhuma das crianças. A maioria das crianças ($n = 160, 95\%$) não teve familiares infetados pelo vírus nem esteve exposta a outros *stressores* ($n = 102, 60\%$) no contexto familiar (e.g., morte/hospitalização de um familiar, perda de emprego, redução da capacidade financeira).

No segundo momento de avaliação, 96 mães (taxa de retenção: 57%) participaram no estudo. A Tabela 1 evidencia que não foram observadas diferenças significativas entre as mães que participaram em ambos os momentos de avaliação e aquelas que participaram apenas no primeiro momento de avaliação no que se refere às características sociodemográficas maternas e da criança. Excetua-se apenas a idade da criança. As crianças cujas mães participaram em ambos os momentos de avaliação revelaram ser significativamente mais novas ($d = 0.18$) por comparação com aquelas que participaram apenas no primeiro momento de avaliação. No segundo momento de avaliação, apenas 12% ($n = 21$) das mães encontrava-se a trabalhar em regime de teletrabalho. 72% ($n = 69$) das mães declararam que o estabelecimento de ensino da criança se encontrava aberto e que 68% ($n = 66$) das crianças tinham regressado às atividades letivas presenciais. No mês anterior à recolha de dados, a maioria das crianças não esteve exposta à infeção por COVID-19 ($n = 91, 95\%$). Não existiram suspeitas de infeção na maioria das crianças ($n = 94, 98\%$).

A maioria das crianças ($n = 86$, 90%) não teve familiares infetados pelo COVID-19, nem esteve exposta a outros *stressores* ($n = 65$, 68%) no contexto familiar (e.g., morte/hospitalização de um familiar, perda de emprego, redução da capacidade financeira).

Procedimento

O estudo insere-se num projeto de investigação longitudinal, denominado de “Risco e resiliência durante a pandemia de covid-19”.

A recolha dos dados foi realizada por questionários online, através da plataforma *Qualtrics*, em junho e julho de 2020. O primeiro momento de avaliação refere-se ao mês de maio 2020 em que se manteve a situação de confinamento, com levantamento gradual das medidas de restrição. O segundo momento de avaliação refere-se ao mês de junho de 2020, que correspondeu a medidas mais generalizadas de desconfinamento, com a reabertura dos estabelecimentos de ensino pré-escolar. A divulgação do link dos questionários e dos respetivos consentimentos informados foi feita através de direções de estabelecimentos de ensino pré-escolar da região de Lisboa (públicos e privados), encarregados de educação, associações de pais e de contactos próximos da equipa de investigação. Foi também divulgado em grupos de redes sociais de pais e mães.

Todos os participantes foram informados acerca dos objetivos e do procedimento do estudo, assim como de que receberiam um vale de compras no valor de 50€ caso participassem em todos os momentos da recolha de dados.

Tabela 1.

Características Sociodemográficas das Participantes em Cada Momento de Avaliação

	1º momento	2º momento	Comparação	
	(N = 169)	(N = 96)		
	M (DP) n (%)	M (DP) n (%)	t χ^2	p
Características da mãe				
Idade da mãe (em anos)	37.15 (4.82)	37.10 (4.66)	0.15	.881
Habilitações literárias			0.02	.878
3º ciclo/Ensino Secundário	38 (22)	22 (23)		
Ensino Superior	131 (78)	74 (77)		
Estado civil			5.88	.053
Casada	103 (61)	60 (63)		
Solteira, divorciada ou separada	38 (23)	16 (17)		
Unida de facto	28 (16)	20 (21)		
Trabalho remunerado	121 (72)	73 (76)	0.31	.579
Características da criança				
Idade da criança (em meses)	64.77 (15.34)	61.93 (14.76)	2.84	.005
Sexo da criança			2.97	.085
Masculino	95 (56)	48 (51)		
Feminino	72 (43)	46 (49)		
Tem irmãos	107 (63)	57 (59)	1.48	.223

Instrumentos

Foram escolhidos como instrumentos o Questionário de dados sociodemográficos (Versão adaptada por Rubin et al., 2020); o *Coronavirus Health and Impact Survey* (CRISIS) – *Adult Report* (Versão adaptada por Rubin et al., 2020); e o *Emotional Regulation Checklist* (Shields & Cicchetti, 1993; Versão Portuguesa: Melo, 2005).

Questionário de dados sociodemográficos

Este questionário tem como objetivo recolher as principais características sociodemográficas da criança (data de nascimento, sexo, país de origem) e dos pais (tipo de relação com a criança, idade, data de nascimento, estado civil, escolaridade, profissão, rendimento total anual da família, país de origem).

Coronavirus Health and Impact Survey (CRISIS) – Adult Report

Este questionário avalia a percepção dos adultos (19-64 anos) acerca do impacto emocional e comportamental da pandemia de covid-19, tendo por referência o último mês. É composto por 48 itens e subdivide-se em seis partes.

A primeira parte inclui quatro itens e avalia o contexto de vida da pessoa, a situação profissional atual, a dependência de subsídios do estado nos três meses anteriores à crise de covid-19 e o estado de saúde física (avaliação subjetiva da saúde física, diagnóstico prévio de condições de saúde).

A segunda parte contém 10 itens e refere-se à percepção do adulto acerca do impacto da pandemia de covid-19, nomeadamente a ocorrência de suspeita de infeção e de sintomas compatíveis com covid-19 e o fecho do estabelecimento de ensino/local de trabalho devido à pandemia.

A terceira parte, com cinco itens, avalia as preocupações do adulto acerca do covid-19, mais especificamente sobre o próprio ou um membro da sua família estar infetado, sobre a sua saúde física, mental e psicológica ser afetada pela covid-19, através de uma escala de escala de 0 (*Nada*) a 4 (*Extremamente*). Avalia ainda a frequência de leitura ou de diálogo sobre a covid-19 através de uma escala de 0 (*Nada*) a 4 (*A maior parte do tempo*).

A quarta parte (15 itens) diz respeito à percepção da pessoa relativamente às mudanças na sua vida associadas à pandemia, nomeadamente mudanças positivas, o número de pessoas externas ao agregado familiar com que conversou e a frequência. É também questionado numa escala de 0 (*Nada*) a 4 (*Extremamente*), a intensidade: (a) do stress sentido com o confinamento em casa, com as mudanças nos contactos da família e nos contactos sociais; (b) das dificuldades sentidas em cumprir as normas de distanciamento social e em lidar com o cancelamento de eventos sociais; e (c) das preocupações com a estabilidade das condições de vida. Também é aferido a ocorrência de problemas financeiros em consequência das mudanças trazidas pela pandemia (numa escala de 0 – *Nada* a 4 – *Extremamente*) e a (in)existência de preocupações

relacionadas com a capacidade de suprir necessidades alimentares. É ainda pedido a classificação numa escala de 0 (*Piorou muito*) a 4 (*Melhorou muito*) das mudanças na qualidade das relações com a família e com os amigos, e a indicação de outras preocupações relativas ao impacto da covid-19.

A quinta parte inclui seis itens e avalia a percepção do adulto acerca dos seus hábitos e comportamentos: (a) o número de horas de sono diárias (numa escala de 0 – *Menos de 6 horas* a 3 – *Mais de 10 horas*); (b) a prática de exercício físico por semana (numa escala de 0 – *Nenhum dia* a 4 – *Diariamente*); e (c) o número de dias por semana passados ao ar livre (numa escala de 0 – *Nenhum dia* a 4 – *Diariamente*). É também questionado o tempo despendido por dia a ver televisão, a usar as redes sociais e a jogar videojogos, utilizando uma escala de 0 (*Piorou muito*) a 4 (*Melhorou muito*).

Por fim, a sexta parte (oito itens) avalia a percepção do adulto acerca do seu estado emocional (preocupação, agitação, irritação, zanga, solidão) utilizando uma escala de 0 (*Nada*) a 4 (*Extremamente*), e a intensidade com que experienciou estados emocionais de alegria vs. tristeza, descontração vs. ansiedade, concentração vs. distração numa escala de 4 pontos (0 – *Muito alegre, descontraído, concentrado* a 4 – *Extremamente triste, ansioso, distraído*).

Tendo em conta a revisão da literatura e os objetivos do nosso estudo, optámos por considerar apenas a sexta parte do questionário, isto é, as percepções dos adultos acerca do seu estado emocional.

Emotional Regulation Checklist

Esta escala é composta por 24 itens e avalia a percepção dos pais acerca da regulação emocional da criança, de acordo com duas dimensões: a Labilidade/Negatividade e a Regulação Emocional. A Labilidade/Negatividade refere-se à percepção parental de falta de flexibilidade, de ativação emocional, desregulação da raiva e variabilidade do humor na criança. Por sua vez, a Regulação Emocional avalia a percepção parental acerca do nível de expressões emocionais socialmente apropriada, da empatia e da autoconsciência da criança. O participante deve responder a cada um dos itens, tendo por referência uma escala de resposta de 4 pontos, desde 0 (*Nunca*) a 3 (*Quase Sempre*). Os estudos psicométricos originais foram abonatórios da boa consistência interna da escala ($\alpha = .96$ para a dimensão de Labilidade/Negatividade, e $\alpha = .83$ para a dimensão de Regulação Emocional). Os estudos psicométricos nacionais mostraram menores valores de consistência interna ($\alpha = .69$ para a dimensão de Labilidade/Negatividade, e $\alpha = .60$ para a dimensão de Regulação Emocional). Na nossa amostra, a baixa consistência

interna da dimensão de Regulação Emocional ($< .60$) conduziu-nos a considerar apenas a escala de Labilidade Emocional. Na nossa amostra, o alfa de Cronbach da dimensão da Labilidade/Negatividade foi de $.80$, em ambos os momentos de avaliação do estudo.

Análise de dados

Os dados foram analisados com recurso ao IBM SPSS Statistics versão 27. Para a caracterização das participantes e das variáveis sob estudo, foram utilizadas médias e desvios-padrão (para as variáveis contínuas) e frequências e percentagens (para as variáveis nominais). Para testar a existência de diferenças ao nível das características sociodemográficas entre as mães que participaram em ambos os momentos de avaliação e que participaram apenas no primeiro momento de avaliação, recorreremos a testes t de Student (para as variáveis contínuas) e a testes de qui-quadrado (para as variáveis nominais). Para testar a presença de diferenças significativas em função do sexo e da faixa etária da criança nas perceções maternas acerca da labilidade/negatividade da criança e dos seus estados emocionais, foram conduzidos testes t de Student para amostras independentes em ambos os momentos de avaliação. Para testar as associações entre as perceções maternas acerca da labilidade/negatividade da criança e os seus estados emocionais, foram conduzidas análises de correlação parciais de Pearson, controlando o sexo e a idade da criança, em ambos os momentos de avaliação.

O nível de significância adotado foi $p < .05$. Foram reportadas as magnitudes dos efeitos: pequenos: $d \geq .20$, $r \geq .10$; médios: $d \geq .50$, $r \geq .30$; e grandes: $d \geq .80$, $r \geq .50$ (Cohen, 1992).

Resultados

Perceção das mães acerca da labilidade/negatividade da criança no primeiro momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança

A Tabela 2 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das perceções das mães acerca da labilidade/negatividade das crianças no primeiro momento de avaliação, em função do sexo da criança e da faixa etária da criança. Os testes t de Student mostram que foram observadas diferenças estatisticamente significativas ao nível da labilidade emocional. Na perspetiva das mães, os rapazes apresentaram níveis significativamente mais elevados de labilidade emocional por comparação com as raparigas. As diferenças observadas entre os rapazes e as raparigas nas perceções maternas acerca da labilidade/negatividade foram de magnitude pequena ($d = .36$). No que se refere à faixa etária da criança, os testes t de Student mostram que não foram observadas diferenças estatisticamente significativas na perceção das mães acerca da labilidade emocional da criança, em função da faixa etária.

Tabela 2.

Percepção das Mães acerca da Labilidade/Negatividade da Criança no Primeiro Momento de Avaliação em Função do Sexo da Criança e da Faixa Etária da Criança

	Total	Rapazes (<i>n</i> = 88)	Raparigas (<i>n</i> = 68)	Comparação de médias		3-4 anos (<i>n</i> = 55)	5-7 anos (<i>n</i> = 79)	Comparação de médias	
	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i> (154)	<i>p</i>	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i> (132)	<i>p</i>
Labilidade	2.05 (0.41)	2.11 (0.41)	1.96 (0.41)	2.30	.023	2.07 (0.32)	2.05 (0.44)	0.29	.77

Percepções das mães acerca do seu estado emocional no primeiro momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança

A Tabela 3 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das percepções das mães acerca do seu estado emocional no primeiro momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança.

Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas nas percepções maternas acerca do seu estado emocional, em função do sexo. No que se refere à faixa etária, os testes *t* de Student evidenciaram apenas diferenças estatisticamente significativas em relação à agitação materna. As mães de crianças de 5-7 anos perceberam maior agitação por comparação com as mães das crianças de 3-4 anos. A magnitude das diferenças entre as mães das crianças de 3-4 anos e as mães das crianças de 5-7 anos ao nível das percepções de agitação materna foi pequena ($d = .46$)

Associações entre as percepções maternas acerca da labilidade da criança e acerca do seu estado emocional no primeiro momento de avaliação

A Tabela 4 apresenta as correlações parciais entre as percepções maternas acerca da labilidade emocional e acerca do seu estado emocional no primeiro momento de avaliação, controlando o sexo e a faixa etária da criança. Foram observadas correlações positivas estatisticamente significativas entre as percepções maternas acerca da labilidade emocional da criança e acerca dos diferentes estados emocionais negativos. As correlações das percepções maternas de labilidade emocional da criança com as percepções maternas de preocupação, cansaço e solidão foram de magnitude pequena. As correlações das percepções maternas de labilidade emocional da criança com as percepções maternas de ansiedade, agitação e irritabilidade foram de magnitude média. Foi observada uma correlação negativa de magnitude pequena entre as

percepções maternas acerca da labilidade da criança e do estado emocional de felicidade.

Tabela 3.

Percepções das Mães acerca dos seus Estados Emocionais no Primeiro Momento de Avaliação, em função do Sexo e da Faixa Etária da Criança

	Total (N = 166)	Rapazes (n = 93)	Raparigas (n = 71)	Comparação de médias		3-4 anos (n = 55)	5-7 anos (n = 79)	Comparação de médias	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	t (162)	p	M (DP)	M (DP)	t (137)	p
Preocupada	1.99 (0.97)	1.96 (0.96)	2.07 (1.02)	-0.73	.47	1.89 (0.93)	1.93 (0.99)	-0.21	.83
Feliz	1.96 (0.94)	1.95 (0.91)	1.96 (0.99)	-0.08	.94	2.05 (0.96)	1.95 (0.98)	0.60	.55
Ansiosa	2.45 (1.03)	2.53 (0.99)	2.37 (1.09)	0.99	.32	2.45 (1.00)	2.41 (1.10)	0.20	.84
Agitada	1.51 (1.01)	1.44 (0.98)	1.65 (1.03)	-1.30	.19	1.18 (0.99)	1.63 (0.98)	-2.62	.01
Cansada	2.13 (1.19)	2.11 (1.19)	2.20 (1.21)	-0.47	.64	1.98 (1.18)	2.27 (1.20)	-1.37	.17
Distraída	2.01 (1.07)	2.04 (0.99)	1.96 (1.17)	0.49	.63	2.09 (1.03)	2.01 (1.07)	0.43	.67
Irritável	1.62 (1.08)	1.56 (1.02)	1.75 (1.13)	-1.11	.27	1.55 (1.04)	1.64 (1.13)	-0.45	.66
Sozinha	0.86 (1.11)	0.82 (1.07)	0.93 (1.18)	-0.54	.52	0.73 (0.96)	0.94 (1.16)	-1.10	.27

Tabela 4.

Correlações Parciais entre as Percepções das Mães acerca da Labilidade da Criança e acerca dos seus Estados Emocionais, controlando o Sexo e a Faixa Etária da Criança

	Primeiro momento de avaliação	Segundo momento de avaliação
	Labilidade da criança	Labilidade da criança
Estados emocionais maternos	<i>r</i>	<i>r</i>
Preocupada	.28**	.42***
Feliz	-.22*	-.43***
Ansiosa	.33***	.49***
Agitada	.31***	.49***
Cansada	.23**	.34**
Distraída	-.17	-.19
Irritável	.35***	.49***
Sozinha	.26**	.49***

*** $p < .001$. ** $p < .01$. * $p < .05$.

Percepções das mães acerca da labilidade da criança no segundo momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança

A Tabela 5 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das percepções da mãe acerca da labilidade da criança no segundo momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança.

Os testes *t* de Student mostram que não foram observadas diferenças estatisticamente significativas na percepção das mães acerca da labilidade emocional da criança, em função do sexo e da faixa etária da criança.

Tabela 5.

Percepção das Mães acerca da Labilidade/Negatividade da Criança no Segundo Momento de Avaliação em Função do Sexo da Criança e da Faixa Etária da Criança

	Total (<i>N</i> = 93)	Rapazes (<i>n</i> = 49)	Raparigas (<i>n</i> = 42)	Comparação de médias		3-4 anos (<i>n</i> = 39)	5-7 anos (<i>n</i> = 45)	Comparação de médias	
	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i> (154)	<i>p</i>	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i> (132)	<i>p</i>
Labilidade	1.98 (0.41)	1.99 (0.41)	1.95 (0.43)	0.46	.65	2.08 (0.39)	1.96 (0.42)	1.31	.19

Percepções das mães acerca dos seus estados emocionais no segundo momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança

A Tabela 6 apresenta as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) das percepções da mãe acerca dos seus estados emocionais no segundo momento de avaliação, em função do sexo e da faixa etária da criança.

Os testes *t* de Student mostram que não foram observadas diferenças estatisticamente significativas nas percepções maternas acerca do seu estado emocional, em função do sexo e da faixa etária da criança.

Tabela 6.

Percepções das Mães acerca dos seus Estados Emocionais no Segundo Momento de Avaliação, em função do Sexo e da Faixa Etária da Criança

	Total (<i>N</i> = 96)	Rapazes (<i>n</i> = 49)	Raparigas (<i>n</i> = 45)	Comparação de médias		3-4 anos (<i>n</i> = 40)	5-7 anos (<i>n</i> = 46)	Comparação de médias	
	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i> (92)	<i>p</i>	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i> (84)	<i>p</i>
Preocupada	1.66 (0.86)	1.78 (0.90)	1.58 (0.81)	1.14	.22	1.68 (0.76)	1.74 (0.91)	-0.35	.73
Feliz	2.16 (0.96)	2.16 (0.92)	2.11 (1.00)	0.26	.79	2.08 (0.94)	2.26 (1.02)	-0.87	.39
Ansiosa	2.36 (1.04)	2.38 (0.96)	2.43 (1.07)	-0.27	.79	2.28 (1.05)	2.33 (1.06)	-0.19	.85
Agitada	1.37 (0.99)	1.27 (1.00)	1.55 (0.95)	-1.34	.18	1.21 (0.95)	1.41 (1.05)	.095	.34
Cansada	2.15 (1.08)	2.16 (1.07)	2.16 (1.11)	0.03	.97	2.00 (1.09)	2.26 (1.06)	-1.12	.26
Distraída	2.13 (1.05)	2.00 (1.06)	2.22 (1.04)	-1.02	.31	2.00 (1.01)	2.15 (1.14)	-0.65	.52
Irritável	1.49 (1.04)	1.52 (0.99)	1.53 (1.08)	-0.06	.95	1.40 (1.03)	1.60 (1.14)	-0.85	.40
Sozinha	0.95 (1.08)	0.98 (1.16)	0.93 (1.02)	0.21	.84	0.92 (1.01)	1.04 (1.21)	-0.49	.62

Associações entre as percepções maternas acerca da labilidade emocional da criança e dos seus estados emocionais no segundo momento de avaliação

A Tabela 4 apresenta as correlações parciais entre as percepções maternas acerca da labilidade emocional e acerca do seu estado emocional no segundo momento de avaliação, controlando o sexo e a faixa etária da criança. Foram observadas correlações positivas estatisticamente significativas entre as percepções maternas acerca da labilidade emocional da criança e acerca dos diferentes estados emocionais negativos. As correlações das percepções maternas de labilidade emocional da criança com as percepções maternas de preocupação,

ansiedade, agitação, cansaço, irritação e solidão foram positivas e de magnitude média. Foi ainda observada uma correlação negativa de magnitude média entre as percepções maternas de labilidade emocional da criança com as percepções maternas de felicidade.

Discussão

A presente investigação teve como principal objetivo comparar as percepções maternas acerca da labilidade emocional da criança e das suas dificuldades emocionais, em função do sexo e da faixa etária e analisar as associações entre essas percepções, em dois momentos distintos da crise pandémica: o confinamento com levantamento gradual das medidas restritivas (maio de 2020), e o desconfinamento mais generalizado (junho de 2020). Os resultados mostram que apenas foram identificadas diferenças de magnitude pequena nas percepções maternas de labilidade da criança e dos seus estados emocionais, em função do sexo e da idade da criança durante o período de confinamento, com levantamento gradual das medidas. Em ambos os momentos de recolha de dados, foram observadas associações positivas entre as percepções maternas de estados emocionais negativos e de labilidade da criança, mas estas revelaram ser de maior magnitude no período de desconfinamento mais generalizado.

Os nossos resultados corroboram parcialmente a nossa primeira hipótese de investigação (H1). De facto, as mães de rapazes percecionaram apenas menor flexibilidade, maior ativação emocional, desregulação da raiva e variação do humor por comparação com as mães das raparigas, no período de confinamento com levantamento gradual das restrições. Estes resultados são consistentes com o modelo tripartido de Morris et al. (2007) que reconheceu a importância de ter em atenção as características individuais das crianças para a compreensão da regulação emocional, nomeadamente o sexo das crianças. Apesar de não existir um consenso na investigação, os nossos resultados aproximam-se dos estudos empíricos anteriores que apontaram para uma desvantagem dos meninos em relação às competências de regulação emocional por comparação com as meninas (Morris et al., 2007). Várias explicações têm sido apontadas para as diferenças de sexo nas competências de regulação emocional, nomeadamente diferenças biológicas e de socialização parental com as emoções. Especificamente, os pais tendem a reforçar preferencialmente a expressão de emoções diferentes por parte dos meninos (i.e., raiva) e das meninas (i.e., tristeza), mas também a incentivar a utilização de estratégias diferentes para lidar com as emoções: estratégias relacionais no caso das meninas e estratégias instrumentais ativas, de distração ou de resolução de problemas nos rapazes (e.g., Eisenberg et al., 1998). Apesar do alívio gradual das restrições, as famílias continuaram expostas a *stressores* (Prime et al., 2020) durante o primeiro momento de recolha de dados, uma vez que a maioria

das crianças se encontravam em casa a frequentar atividades letivas à distância e metade das mães se encontrava a exercer funções em regime de teletrabalho. Face à persistência destes *stressores*, é possível que as diferenças na reatividade biológica e na socialização das emoções entre rapazes e raparigas (Morris et al., 2007) tenham contribuído para que as mães percecionassem que os rapazes apresentavam níveis mais elevados de labilidade por comparação com as raparigas. Por oposição, a maioria das crianças da nossa amostra regressou às atividades letivas presenciais no segundo momento de avaliação. O alívio da exposição a parte dos *stressores* associados à crise pandémica (designadamente, a normalização das rotinas letivas para a maioria das crianças) pode ter contribuído para que, na perspetiva das mães, as diferenças de sexo ao nível da labilidade emocional se esbatessem.

Não foram observadas diferenças nas perceções maternas de labilidade emocional na criança, em função da idade, em ambos os momentos de avaliação. Estes resultados podem ter sido influenciados, quer pelos grupos etários (3-4 vs. 5-7 anos) que a proporção de participantes na nossa amostra nos permitiu analisar, quer pela natureza da medida utilizada para avaliar a regulação emocional (i.e., medida de hétero-relato geral da labilidade/negatividade). De facto, estudos empíricos anteriores identificaram diferenças significativas em função da idade em relação ao tipo e à variedade das estratégias de regulação emocional, narradas pelas crianças em idade pré-escolar (e.g., Cole et al., 2009; Sala et al., 2014). Durante período de confinamento imposto pela pandemia em Espanha, Domínguez-Alvarez et al. (2020) também identificaram diferenças nos relatos maternos quanto ao tipo de estratégias utilizadas pelas crianças de 3-5 anos e 7-9 anos: as primeiras recorreram mais a estratégias como “gritar ou enfurecer-se” e menos a estratégias de resolução de problemas, reavaliação cognitiva e procura de apoio social instrumental por comparação com as segundas. Por outro lado, a influência do tipo de informador (i.e., mãe) também não pode ser ignorado na interpretação dos resultados obtidos.

Os nossos resultados aproximam-se dos observados no estudo de Morelli et al. (2020) em que não foram identificadas associações significativas entre as perceções maternas de dificuldades emocionais, o sexo e a idade da criança durante o confinamento imposto pela pandemia numa amostra de crianças dos 6 aos 12 anos. Os nossos resultados evidenciaram apenas que as mães das crianças de 5-7 anos percecionaram níveis mais elevados de agitação por comparação com as mães de crianças de 3-4 anos, no primeiro momento da avaliação. Este fenómeno poder-se-á dever ao facto de as mães terem tido que conciliar os compromissos profissionais (para metade das mães em teletrabalho) com a prestação de cuidados parentais e atividades letivas online (para maioria das crianças), sem apoio extrafamiliar (Romero et al., 2020; Spinelli, Lionetti, Pastoreet al., 2020). De facto, há uma maior exigência ao nível das

atividades e do tempo despendido nas atividades letivas para as crianças mais velhas, o que pode ter requerido mais atenção das mães destas crianças. Do primeiro momento de avaliação para o segundo, estas diferenças já não se evidenciaram, o que pode estar relacionado com o regresso da maioria das crianças à escola e das mães ao trabalho presencial.

Os nossos resultados corroboram a nossa segunda hipótese de investigação (H2). De facto, foram observadas associações positivas entre as perceções das mães acerca da labilidade da criança e os seus diferentes estados emocionais negativos (i.e., preocupação, ansiedade, agitação, cansaço, tristeza, irritabilidade e solidão) em ambos os momentos de avaliação. Estes resultados são consistentes com a investigação anterior que evidenciou associações significativas entre as perceções maternas de desregulação da criança e sintomas psicopatológicos (humor deprimido/hostil e ansioso), em diferentes amostras e com recurso a uma diversidade de métodos (Crespo et al., 2017; Dagne & Snider, 2006; Hoffman et al., 2006; Oattes et al., 2018; Silk et al., 2006). Estes resultados podem ser compreendidos à luz do modelo tripartido de Morris et al. (2007) que explica que os pais podem influenciar a regulação emocional da criança através de três mecanismos: (1) modelamento, (2) práticas relacionadas com as emoções, (3) clima emocional da família. É possível que as crianças que mais observam estes estados emocionais negativos sejam aquelas que registam uma maior labilidade emocional (Bariola et al., 2011). Para além disto, e de acordo com os estudos aqui mencionados, as mães que percecionaram estados emocionais negativos são também aquelas que parecem desencorajar mais a expressão emocionais das crianças, dificultando assim a sua regulação emocional (Suveg et al., 2005). Por fim, a capacidade de regulação emocional da criança é diminuída quanto mais expostas a emoções negativas intensas e frequentes (como é o caso dos estados emocionais negativos das mães; Bariola et al., 2011; Suveg et al., 2011).

Por outro lado, não podemos ignorar que o modelo de Morris et al. (2007) reconhece influências bidirecionais entre a regulação emocional da criança e as influências familiares. Assim, é também possível que a menor flexibilidade, maior ativação emocional, desregulação da raiva e variação do humor na criança tenham contribuído para que as mães experienciassem mais dificuldades emocionais.

Os resultados também podem ser compreendidos à luz da literatura teórica e empírica específica acerca da crise pandémica de covid-19. De facto, as associações de magnitude pequena a moderada das perceções maternas de dificuldades emocionais e labilidade emocional na criança aproximam-se dos resultados dos estudos conduzidos em Itália durante o período de confinamento (Morelli et al., 2020; Spinelli, Lionetti, Setti et al., 2020). O facto de o primeiro momento de avaliação do nosso estudo ter ocorrido numa fase final do período de confinamento

pode ter contribuído para a magnitude das associações observadas. De forma consistente com o modelo proposto por Prime et al. (2020), é possível que, neste período, as famílias já estivessem mais adaptadas aos *stressores* (e.g., interrupção das atividades letivas presenciais, teletrabalho das mães) que perturbaram a sua vida de forma significativa e inesperada. Além disso, a maioria das mães da nossa amostra relatou que a criança não foi exposta à infecção por covid-19 e a outros *stressores* familiares, o que pode ter contribuído para a magnitude das associações observadas. O maior sentido de controlo da crise pandémica associado ao levantamento gradual das restrições e a presença da maioria das crianças em casa pode explicar a reduzida magnitude das associações das perceções de labilidade na criança com emoções maternas de tristeza, preocupação e solidão. A necessidade de continuar a conciliar compromissos profissionais com prestação de cuidados parentais e atividades letivas online pode ter contribuído para as associações de magnitude moderada das perceções de labilidade na criança com as emoções maternas de ansiedade, agitação e irritabilidade. Por outro lado, o modelo de Prime et al. (2020) reconhece a complexidade das relações existentes entre as dificuldades emocionais dos pais e das crianças, nomeadamente a influência de mecanismos ou processos intervenientes (e.g., qualidade das relações conjugais, das relações pais-criança e da relação entre os irmãos) nas associações entre ambas as variáveis. Estes mecanismos ou processos intervenientes devem ser investigados em estudos futuros para melhor compreender as associações entre as dificuldades emocionais de pais e crianças durante as diferentes fases do confinamento, devido à crise de covid-19.

No período de desconfinamento mais generalizado que coincidiu com a reabertura dos estabelecimentos de ensino pré-escolar, as associações das perceções maternas acerca da labilidade na criança com diferentes estados emocionais negativos da mãe foram mais fortes do que no momento de avaliação anterior e evidenciaram, globalmente, uma magnitude moderada. Tal pode refletir as especificidades do segundo momento de recolha de dados. De facto, a maioria das crianças da amostra regressou às atividades letivas e a maioria das mães regressou ao trabalho presencial. Ainda que a maioria das mães tenha relatado que a criança não foi exposta à infecção por covid-19 e a outros *stressores* familiares, quer os adultos, quer as crianças tiveram de continuar a lidar com a exposição aos riscos para a saúde associados ao covid-19. Segundo Kearney e Childs (2021), o recomeço das atividades letivas após o confinamento exige que seja dado tempo e espaço a pais e crianças para se readaptarem às rotinas e que o contexto escolar priorize outras áreas de intervenção para além da recuperação gradual das aprendizagens, tais como o processamento da experiência emocional de confinamento, a discussão de preocupações relacionadas com os riscos da exposição ao vírus e a promoção das

competências socioemocionais das crianças. Assim, é possível que a transição para uma nova fase da crise pandémica que implicou mudanças e readaptações, quer por parte das mães, quer por parte das crianças, tenha contribuído para que as associações entre as dificuldades emocionais maternas e a dificuldade da criança em regular as suas emoções fossem de maior magnitude do que aquelas que foram observadas no momento de avaliação anterior.

Limitações

Este estudo apresentou algumas limitações que não podem ser ignoradas. Por um lado, a amostra por conveniência, tendo sido recrutada online, composta apenas por mães, a maioria oriunda da região de Lisboa e com habilitações superiores, casadas/unidas de facto, a trabalhar, o que limita generalização dos resultados. Por outro lado, o atrito experimental do primeiro para o segundo momento de avaliação mostrou a não-comparabilidade dos participantes quanto à idade da criança. Assim, a perda amostral das mães de crianças mais velhas (que inclui crianças de 6-7 anos que não regressaram ao ensino presencial) pode ter influenciado os resultados obtidos. Não podemos ignorar as limitações existentes ao nível alfa de Cronbach da dimensão de regulação emocional e inexistência de estudos psicométricos publicados sobre o *CRISIS Adulto* que limitaram as análises que nos foi possível conduzir. Por último, a natureza correlacional do estudo não permite estabelecer a direção das influências observadas no presente estudo.

Implicações para a investigação futura

Por se tratar de uma temática ainda recente e, por isso, não existir ainda muitos estudos acerca das consequências do confinamento decorrentes da pandemia, considera-se importante a continuação dos mesmos, sobretudo no que diz respeito à forma como as medidas restritivas impactaram as dinâmicas familiares.

Recomenda-se para estudos futuros não só a visão de ambos os pais sobre a regulação emocional da criança, como também a de outros cuidadores (avós, amas, etc), assim como a ampliação da amostra, de forma a obter-se resultados mais representativos da população portuguesa. Sugere-se também o alargamento das idades das crianças, podendo ser interessante estudar as mesmas variáveis deste estudo, mas relativamente a crianças mais velhas e/ou adolescentes. Poderá ainda ser interessante explorar e perceber que fatores específicos do confinamento (e.g., conciliação da vida profissional com a pessoal; medo de ser infetado; falta de tempo para si ou para as atividades que gosta de fazer; falta de convívio social; etc) contribuíram para os estados emocionais negativos das mães.

Considerações finais

Os resultados do presente estudo mostraram associações positivas entre as percepções maternas acerca da labilidade da criança e os estados emocionais negativos maternos durante a fase final de confinamento. Estes resultados permitem-nos sugerir que poderá ser benéfico dotar as famílias de algumas estratégias no que diz respeito às possíveis dificuldades que podem surgir durante um confinamento (e.g., criação de rotinas, conciliação trabalho-família), de forma a reduzir o impacto emocional que este período pode ter nas mães.

Para além disto, julga-se relevante a promoção da psicoeducação dirigida às mães relativamente às estratégias da regulação emocional das crianças em idade pré-escolar (e.g., identificação, validação e aceitação das emoções; expressão de emoções; promoção de empatia; etc), sobretudo dos rapazes, uma vez que estes foram descritos como apresentando menor flexibilidade, maior ativação emocional, desregulação da raiva e variação do humor do que as raparigas no final do período de confinamento. Dadas as associações de magnitude mais forte entre dificuldades emocionais maternas e labilidade emocional das crianças, poderá ser importante oferecer também às famílias (crianças e adultos) estratégias que facilitem a expressão e a partilha das emoções em família sobre o regresso à nova normalidade.

Por fim, é também fundamental que não desconsideremos a preparação das famílias para o regresso à nova normalidade (i.e., reabertura das escolas e regresso ao trabalho) sendo que existe ainda a necessidade de lidar com a exposição ao vírus e isto pode ser um *stressor* impactante emocionalmente.

Referências bibliográficas

- Bariola, E., Gullone, E., & Hughes, E. K. (2011). Child and adolescent emotion regulation: The role of parental emotion regulation and expression. *Clinical child and family psychology review*, 14(2), 198-212. <https://doi.org/10.1007/s10567-011-0092-5>
- Chaplin, T. M., & Aldao, A. (2013). Gender differences in emotion expression in children: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 139(4), 735-765. <https://doi.org/10.1037/a0030737>
- Clark, C. A., Woodward, L. J., Horwood, L. J., & Moor, S. (2008). Development of emotional and behavioral regulation in children born extremely preterm and very preterm: Biological and social influences. *Child Development*, 79(5), 1444-1462.
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155-159. <https://doi.org/10.1037//0033-2909.112.1.155>
- Cole, P., Martin, S., & Dennis, T. (2004). Emotion regulation as a scientific construct: Methodological challenges and directions for child development research. *Child Development*, 75, 317-333. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00673.x>
- Crespo, L. M., Trentacosta, C. J., Aikins, D., & Wargo-Aikins, J. (2017). Maternal emotion regulation and children's behavior problems: The mediating role of child emotion regulation. *Journal of Child and Family Studies*, 26(10), 2797-2809. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0791-8>
- Dagne, G. A., & Snyder, J. (2011). Relationship of maternal negative moods to child emotion regulation during family interaction. *Development and Psychopathology*, 23(1), 211. <https://doi.org/10.1017/S095457941000074X>
- Damásio, A. (2013). O sentimento de si: Corpo, emoção e consciência. Lisboa: *Círculo de Leitores, Coleção Temas e Debates*.
- Domínguez-Álvarez B., López-Romero L., Isdahl-Troye A., Gómez-Fraguela JÁ., & Romero E. (2020) Children coping, contextual risk and their interplay during the COVID-19 pandemic: A Spanish Case. *Frontiers in Psychology*, 11:577763. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.577763>
- Eisenberg, N., Cumberland, A. & Spinrad, T. L. (1998) Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 9(4), 241-273. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_1

- Gross, J. J. (1999). Emotion regulation: Past, present, future. *Cognition & Emotion*, 13(5), 551-557. <https://doi.org/10.1080/026999399379186>
- Gross, J. J. (Ed.). (2014). *Handbook of emotion regulation*. (2^a ed.). Guilford Press.
- Hoffman, C., Crnic, K. A., & Baker, J. K. (2006). Maternal depression and parenting: Implications for children's emergent emotion regulation and behavioral functioning. *Parenting: Science and Practice*, 6(4), 271-295. https://doi.org/10.1207/s15327922par0604_1
- Izard, C. E., Fine, S., Mostow, A., Trentacosta, C., & Campbell, J. A. N. (2002). Emotion processes in normal and abnormal development and preventive intervention. *Development and Psychopathology*, 14(4), 761-787. <https://doi.org/10.1017/s0954579402004066>
- Kearney, C. A., & Childs, J. (2021). A multi-tiered systems of support blueprint for re-opening schools following COVID-19 shutdown. *Children and Youth Services Review*, 122, 105919. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105919>
- Liu, J. J., Bao, Y., Huang, X., Shi, J., & Lu, L. (2020). Mental health considerations for children quarantined because of COVID-19. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 4(5), 347-349.
- Melo, A. I. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança*. [Master's thesis, Universidade do Minho].
- Meyer, S., Raikes, H. A., Virmani, E. A., Waters, S., & Thompson, R. A. (2014). Parent emotion representations and the socialization of emotion regulation in the family. *International Journal of Behavioral Development*, 38(2), 164-173. <https://doi.org/10.1177/0165025413519014>
- Morelli, M., Cattelino, E., Baiocco, R., Trumello, C., Babore, A., Candelori, C., & Chirumbolo, A. (2020). Parents and children during the COVID-19 lockdown: The influence of parenting distress and parenting self-efficacy on children's emotional well-being. *Frontiers in Psychology*, 11, 584645. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.584645>
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361-388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>

- Oattes, N., Kosmerly, S., & Rogers, M. (2018). Parent emotional well-being and emotion lability in young children. *Journal of Child and Family Studies*, 27(11), 3658- 3671. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1188-z>
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631-643. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Romero, E., López-Romero, L., Domínguez-Álvarez, B., Villar, P., & Gómez-Fraguela, J. A. (2020). Testing the effects of COVID-19 confinement in Spanish children The role of parents' distress, emotional problems and specific parenting. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(19), 6975. <https://doi.org/10.3390/ijerph17196975>
- Saarni, C. (1999). *The development of emotional competence*. Guilford press.
- Sala, M. N., Pons, F., & Molina, P. (2014). Emotion regulation strategies in preschool children. *British Journal of Developmental Psychology*, 32(4), 440-453. <https://doi.org/10.1111/bjdp.12055>
- Sanchis-Sanchis, A., Grau, M. D., Moliner, A. R., & Morales-Murillo, C. P. (2020). Effects of age and gender in emotion regulation of children and adolescents. *Frontiers in Psychology*, 11, 946. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00946>
- Shields, A., & Cicchetti, D. (1997). Emotion regulation among school-age children: the development and validation of a new criterion Q-sort scale. *Developmental Psychology*, 33(6), 906-916. <https://doi.org/10.1037//0012-1649.33.6.906>
- Silk, J. S., Shaw, D. S., Skuban, E. M., Oland, A. A., & Kovacs, M. (2006). Emotion regulation strategies in offspring of childhood-onset depressed mothers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(1), 69-78. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2005.01440.x>
- Spinelli, M., Lionetti, F., Pastore, M., & Fasolo, M. (2020). Parents' stress and children's psychological problems in families facing the COVID-19 outbreak in Italy. *Frontiers in Psychology*, 11, 1713. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01713>
- Spinelli, M., Lionetti, F., Setti, A., & Fasolo, M. (2020). Parenting stress during the COVID-19 outbreak: Socioeconomic and environmental risk factors and implications for children emotion regulation. *Family Process*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1111/famp.12601>

- Suveg, C., Shaffer, A., Morelen, D., & Thomassin, K. (2011). Links between maternal and child psychopathology symptoms: Mediation through child emotion regulation and moderation through maternal behavior. *Child Psychiatry & Human Development*, 42(5), 507-520. <https://doi.org/10.1007/s10578-011-0223-8>
- Suveg, C., Zeman, J., Flannery-Schroeder, E., & Cassano, M. (2005). Emotion socialization in families of children with an anxiety disorder. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(2), 145-155. <https://doi.org/10.1007/s10802-005-1823-1>
- Thompson, R. & Meyer, S. (2014). Socialization of emotion regulation in the family. In Gross, J. J. (Ed). *Handbook of emotion regulation*. University of California, Davis.
- Thompson, R. (1994). Emotion regulation: A theme in search of definition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(2/3), 25-52. <https://doi.org/10.2307/1166137>.
- World Health Organization (2020b). WHO Director general's opening remarks at the mission briefing on covid-19 [Online]. Retirado de: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-mission-briefing-on-covid-19-16-april-2020>
- World Health Organization. (2020a). Coronavirus disease (COVID-19) [Online]. Retirado de: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/coronavirus-disease-covid-19>

Anexos

Anexo A – Termo de Consentimento Informado



Projeto “Risco e resiliência durante a pandemia de COVID-19”

Enquadramento: Este estudo enquadra-se num projeto internacional intitulado “Risco e resiliência durante a pandemia de COVID-19” que está a ser conduzido em nove países (EUA, Canadá, Chile, Coreia do Sul, Índia, França, Itália, Turquia, Portugal). Tem como investigadores principais o Professor Doutor António J. Santos e a Doutora Maryse Guedes, William James Center for Research, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal. Foi aprovado pela Comissão de Ética do ISPA – Instituto Universitário. Informações detalhadas acerca do projeto internacional em que se enquadra este estudo encontram-se acessíveis no website:

https://www.umdrubinlab.com/covid-19-project.html?fbclid=IwAR3dZ6Xk9XGX0oluJc59wop5h2etAX56GvJ5mGSGbX_HsDaZUD7smeDPM0

Objetivos: O objetivo deste estudo é analisar a forma como os pais e as crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e 6 meses e os 7 anos se estão a sentir e a comportar durante a crise do coronavírus/covid-19. Pretende ainda explorar a forma como estes sentimentos e comportamentos evoluem ao longo do tempo. A sua participação é fundamental para que possamos compreender a forma como o coronavírus/covid-19 está a ter impacto no dia-a-dia e no bem-estar das crianças e das famílias e a forma como este impacto evolui ao longo do tempo. Este conhecimento é importante para que possamos desenvolver intervenções eficazes baseadas na evidência científica para ajudar as crianças e as famílias em situações de crise semelhantes àquela que estamos a viver.

Papel dos participantes: A sua colaboração é totalmente voluntária. Pode optar por não participar. Se decidir participar nesta investigação, poderá desistir em qualquer momento, sem ser penalizado ou ser prejudicado(a) por isso.

A sua colaboração consiste no preenchimento de um conjunto de questionários acerca das características e dos comportamentos do(a) seu (sua) filho(a), dos seus comportamentos enquanto pai ou mãe, do seu funcionamento emocional e das rotinas do dia-a-dia da sua família. Estimamos que o preenchimento dos questionários leve, em média, 20 a 30 minutos. Estes questionários serão preenchidos num website seguro e confidencial.

Caso queira participar, terá que preencher um termo de consentimento informado. Ser-lhe-á ainda solicitado o seu e-mail para posterior contacto para o preenchimento mensal de um conjunto de questionários durante os próximos cinco meses. A equipa de investigação manterá a confidencialidade em relação ao seu contacto de e-mail, não transmitindo esta informação a outras entidades ou pessoas externas à equipa de investigação.

Em todos os momentos de avaliação, os questionários serão identificados através de um código (único e memorável, criado por si e exclusivamente conhecido pela equipa de investigação) para fazer corresponder os questionários preenchidos por si. Os dados recolhidos serão armazenados em computadores protegidos por passwords e firewall. Estes dados serão apenas divulgados coletivamente, de forma a garantir a confidencialidade da informação recolhida.

Se desistir de colaborar no estudo, não conservaremos a informação sobre si que já tenhamos obtido.

A sua participação será recompensada com um voucher de 50€ que poderá ser usado no Continente. O voucher só será recebido no fim da sua colaboração considerando todos os momentos de avaliação propostos.

Papel dos Responsáveis pelo projeto:

Os responsáveis pelo projeto comprometem-se a:

- a) Garantir total confidencialidade sobre os dados que forem fornecidos pelos participantes;
- b) Utilizar os dados fornecidos pelos participantes, somente, para fins de investigação.

Contactos

Para mais informação ou em caso de dúvidas ou questões, por favor, contacte a equipa de investigação:

Professor Doutor António J. Santos | Doutora Maryse Guedes William James Center for Research, ISPA – Instituto Universitário Rua Jardim do Tabaco, nº34, 1149-041 Lisboa

Telefone: 218 811 700

E-mails: asantos@ispa.pt | mguedes@ispa.pt | famcovid19@ispa.pt

Nos vários momentos de avaliação, os contactos por e-mail para envio dos links para acesso aos questionários serão realizados através do e-mail famcovid19@ispa.pt.

Condições de participação:

- a) Ser pai ou mãe de uma criança com idades compreendidas entre os 3 anos e 6 meses e os 7 anos. Caso tenha mais do que um(a) filho(a) nesta faixa etária, responda só relativamente a um deles. Se quiser responder relativamente a outro(a) filho(a) nesta faixa etária, será necessário que aceda novamente ao link dos questionários e que volte a responder a todas as questões, referindo-se a ele(a).
- b) Antes da crise do coronavírus/covid-19, o(a) seu (sua) filho(a) estava a frequentar a creche/ jardim-de-infância/escola.
- c) O(a) seu (sua) filho(a) não foi diagnosticado(a) com uma perturbação do espectro do autismo ou mutismo seletivo.

Concordo participar no estudo. Confirmo que fui informado acerca dos objetivos, procedimentos e da forma como as informações por mim fornecidas serão tratadas e divulgadas. Confirmo também que sou pai ou mãe de uma criança com idade compreendida entre os 3 anos 6 meses e os 7 anos, que estava a frequentar a creche/jardim-de-infância antes da crise do coronavírus/covid-19 e que não foi diagnosticada com uma perturbação do espectro do autismo ou mutismo seletivo.

- Sim
- Não

Por favor, indique o seu e-mail para que a equipa de investigação possa enviar-lhe um link para o preenchimento dos questionários durante os próximos cinco meses:
